



FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNOS – O USO DA MÚSICA NO ENSINO DA CARTOGRAFIA

*Luciana de Oliveira Silva*¹

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Comissão VII - Formação Profissional, Ensino e Pesquisa

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de prática pedagógica, centrada na leitura de mapas dos fluxos migratórios internos no estado do Espírito Santo, no exame de outros documentos e informações relativos à migração dentro do território capixaba e na análise da música *Jumento Celestino*, da banda Mamonas Assassinas. O uso da música como ferramenta pedagógica justifica-se como uma estratégia para tornar a aula mais atrativa aos estudantes do Ensino Médio e por permitir uma participação mais ativa dos alunos no processo de aprendizagem, facilitando a absorção dos conteúdos.

Palavras-chave: Prática de Ensino, Representação Cartográfica, Migração.

ABSTRACT

The present article aims to present a proposal of pedagogical practice, centered on the reading of maps of internal migratory flows in the state of Espírito Santo, on the examination of other documents and information related to the migration within the territory of Espírito Santo and on the analysis of the music *Jumento Celestino*, by Mamonas Assassinas. The use of music as a pedagogical tool is justified as a strategy to make the class more attractive to High School students and to allow a more active participation of them in the learning process, facilitating the absorption of topics.

Keywords: Teaching Practice, Cartographic Representation, Migration.

1 - INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a sugerir uma proposta pedagógica que utilize a música como instrumento para auxiliar na compreensão de conteúdos disciplinares da Geografia, como cartografia e migração. Na atividade, a análise da música seria feita por alunos do 2º ano do Ensino Médio, paralelamente ao exame de diversos tipos de mapas e de informações relativas aos fluxos migratórios no estado do Espírito Santo. Com isso, pretende-se mostrar como o ensino da Geografia (e, particularmente, da cartografia) pode ser feito de forma lúdica e prazerosa, a fim de despertar o interesse dos alunos.

A proposta pedagógica em questão partiu de um trabalho da disciplina “Projeto Especial de Ensino (PEE) de Cartografia Geográfica II”, ministrada pela professora Gisele Girardi. O trabalho consistia na seleção de uma música, cuja letra abordasse conceitos da Cartografia, e na elaboração de uma proposta pedagógica envolvendo a música escolhida. Os resultados foram apresentados na forma de

seminários e, posteriormente, postados num *blog* feito especialmente para a disciplina. A postagem incluía todo o conteúdo apresentado nos seminários: os dados de identificação da música, uma breve descrição e análise da letra e a proposta de atividade a ser desenvolvida em sala de aula, com o uso de mapas ou outros recursos cartográficos. Utilizou-se ainda, nos seminários, como referencial teórico, o texto “Cartografia e ensino de Geografia”, de Maria Elena Simielli.

A música escolhida para a atividade foi *Jumento Celestino*, composta por Bento Hinoto e Dinho, da banda Mamonas Assassinas. Ela consta como uma das faixas do álbum *Mamonas Assassinas*, de 1995, o único lançado pela banda antes da morte trágica de todos os seus integrantes, num acidente aéreo em 1996:

*De quem é esse jegue?
De quem é esse jegue?
De quem é esse jegue
Ô rapaz! Não é jegue não, é jumento!*

*Tava ruim lá na Bahia, profissão de bóia-fria
Trabalhando noite e dia, num era isso que eu
[queria
Eu vim-me embora pra “Sum Paulo”
Eu vim no lombo dum jumento com pouco
[conhecimento
Enfrentando chuva e vento e dando uns peido
[fedorento (vish burro)
Até minha bunda fez um calo*

*Chegando na capital, uns puta predião legal
As mina pagando um pau, mas meu jumento tava
[mal
Precisando reformar
Fiz a pintura, importei quatro ferradura
Troquei até dentadura e pra completar a belezaza
Eu instalei um Road-Star!*

*Descendo com o jumento na mó vula
Ultrapassei farol vermelho e dei de frente com
[uma mula
Saí avuando, parecia um foguete
Só não estourei meu coco, pois tava de capacete*

*Me alevantei, o dono da mula gritando
O povo em volta tudo olhando e ninguém pra me
[socorrer
Fugi mancando e a multidão se amontoando
Em coro tudo gritando: “Baiano, cê vai morrer!”
Depois desse sofrimento, a maior desilusão
Pra aumentar o meu lamento, foi-se embora meu
[jumento
E me deixou com as prestação
E hoje eu tô arrependido de ter feito imigração
Volto pra casa fudido, com um monte de apelido
O mais bonito é cabeção!
(MAMONAS, acesso em 28 dez. 2017)*

2 - BREVE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA LETRA

O primeiro ponto a ser destacado é a figura do jumento, presente inclusive no título da música. Como animal de carga, o jumento já era utilizado desde a Antiguidade como meio de transporte de seres humanos e mercadorias. Há registros de que os primeiros jumentos foram domesticados há aproximadamente 4000 anos antes de Cristo, logo após a domesticação das ovelhas, cabras e vacas. Eram utilizados como meio de transporte para cargas pesadas e, no Egito antigo, também para transporte de pessoas no deserto, como acontecia também com os camelos. Como esse animal é típico de regiões de clima

quente, adaptou-se facilmente ao continente americano, sendo introduzido aqui por Cristóvão Colombo, logo no início da colonização europeia da América. A primeira estrofe da música apresenta uma pergunta (“*De quem é esse jegue?*”) e uma breve explicação de que o animal, na verdade, não é um jegue, mas um jumento: “*Ô rapaz! Não é jegue não, é jumento!*”. No entanto, sabe-se que jegue e jumento são termos diferentes para designar o mesmo animal, a espécie *Equus asinus*.

A pergunta que se repete nos primeiros versos parece dar a impressão de que o jegue ou jumento está perdido, mas, com o desenrolar da música, é revelado que o jumento tem um dono: ele é o meio de transporte de um retirante que migra da Bahia para São Paulo em busca de melhores condições de vida. (“*Tava ruim lá na Bahia, profissão de bóia-fria / Trabalhando noite e dia, num era isso que eu queria / Eu vim-me embora pra ‘Sum Paulo’ / Eu vim no lombo dum jumento com pouco conhecimento*”). Esses versos da segunda estrofe retratam a realidade do povo nordestino, aqui representado pelo trabalhador rural baiano, com baixa qualificação profissional (“*com pouco conhecimento*”) e vivendo uma rotina de trabalho desgastante (“*Trabalhando noite e dia, num era isso que eu queria*”) e que, por isso, “foge” para São Paulo.

A sequência da segunda estrofe dá mais detalhes a respeito das condições em que a migração foi realizada: “*Enfrentando chuva e vento e dando uns peido fedorento (vish burro) / Até minha bunda fez um calo*”. Ficam claras, aqui, as péssimas condições de mobilidade para a realização da migração. Por trás do teor humorístico e escrachado da letra, há um desabafo sobre a situação dos migrantes que se deslocam de regiões mais pobres em direção aos grandes centros urbanos do Brasil, muitas vezes sem dinheiro suficiente para conseguirem se estabelecer na cidade de destino ou mesmo para se sustentarem durante a viagem. O próprio meio de transporte escolhido, um jumento, é um indício da condição humilde do migrante.

A terceira estrofe mostra a chegada do bóia-fria baiano a São Paulo: “*Chegando na capital, uns puta predião legal / As mina pagando um pau, mas meu jumento tava mal / Precisando reformar*”. Nota-se nesses versos, em primeiro lugar, a linguagem típica de um cidadão de classe mais pobre: “*uns puta predião legal*”, “*As mina*”, etc., o que mostra, mais uma vez, a situação de penúria em que vive o migrante. Ele se impressiona com os grandes prédios de São Paulo e chega até a ser “paquerado” pelas garotas paulistanas. Vemos aqui a miscigenação cultural, o contato entre os brasileiros do campo e da cidade, evidente ao longo de toda a história de nosso país, por conta das diversas correntes migratórias ocorridas em território nacional. No

entanto, uma vez que o jumento do retirante estava mal (a música chega a aproximá-lo, metaforicamente, de um carro velho), as paulistanas não queriam se relacionar com o recém-chegado. Por isso, ele decide “reformatar” o animal: *“Fiz a pintura, importei quatro ferradura / Troquei até dentadura e pra completar a beleza / Eu instalei um Road-Star!”* Nesses versos, a aquisição de bens de consumo é associada a uma melhoria das condições de vida: adquirindo novos “acessórios” para o jumento, o migrante baiano será capaz de conquistar a garota paulistana e, assim, ser aceito dentro do contexto urbano em que agora se insere. Entretanto, uma vez que o migrante é de condição humilde, como já vimos, é possível supor que a aquisição desses bens será feita através da abertura de crédito, uma estratégia de fácil endividamento, principalmente para aqueles sem conhecimento financeiro.

Para piorar a situação, o personagem da história se envolve num acidente de trânsito, descrito na quarta estrofe: *“Descendo com o jumento na mó vula / Ultrapassei farol vermelho e dei de frente com uma mula / Saí avuando, parecia um foguete / Só não estourei meu coco, pois tava de capacete”*. Mais uma vez podemos notar a presença da miscigenação, pelo uso de gírias como “vula” (“alta velocidade”) e “mula”. Essa última palavra pode ser interpretada de várias formas: além do significado usual (híbrido de asno com égua), pode também significar uma pessoa ruim, no linguajar regional baiano, e até mesmo uma pessoa que transporta drogas, na gíria urbana de São Paulo. Percebe-se também a diferença existente entre o trânsito do interior e o das grandes cidades, devido ao aumento da quantidade de carros e pessoas em circulação.

Após o acidente, ao invés de ser socorrido, o migrante baiano é hostilizado pela multidão curiosa: *“Me alevantei, o dono da mula gritando / O povo em volta tudo olhando e ninguém pra me socorrer / Fugí mancando e a multidão se amontoando / Em coro tudo gritando: ‘Baiano, cê vai morrê!’”*. A música termina de forma pessimista: o migrante se arrepende por ter mudado para São Paulo, já que gastou o que não podia, ficou endividado e ainda perdeu a única coisa que realmente possuía, a saber, seu jumento. Sem conseguir a tão sonhada melhoria de vida, ele ainda é hostilizado com apelidos como “cabeção”. Aqui, podemos observar a dificuldade que muitos migrantes, principalmente nordestinos, têm para se integrar no Sudeste do país, por conta do preconceito social e racial que acompanha a integração desses retirantes nos grandes centros urbanos do Sudeste e Sul do país. Por fim, a música deixa em aberto o destino final do personagem: ele assume estar arrependido com a migração, mas não fica claro se ele retornou ou não para a sua terra de origem. Caso tenha voltado, é possível assinalar aí um novo fluxo

migratório, dessa vez em direção ao Nordeste, provocado por migrantes que, por vários motivos (violência, endividamento, decepção com a cidade grande, etc.), decidem fazer o caminho de volta para seus lugares de origem.

3 - A PROPOSTA DE ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Tratando agora da proposta pedagógica propriamente dita, cabe ressaltar que a atividade se destina a alunos do 2º ano do Ensino Médio e tem por objetivo trabalhar, em sala de aula, conceitos da Geografia de forma mais prazerosa e atrativa, como já foi apontado. Ao invés de simplesmente escutar passivamente a transmissão de conteúdos pelo professor, na forma de uma tradicional aula expositiva, o aluno é convidado a participar de forma ativa, lendo criticamente a música e extraindo dela elementos importantes para apresentar sua própria síntese de informações. De fato, como observa Simielli (2010), alunos nessa faixa etária têm uma concentração maior quando estão participando efetivamente do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, deve-se levar em conta que a aquisição de conhecimentos nessa idade é mais complexa: se no Ensino Fundamental o aluno é, por assim dizer, cartograficamente “alfabetizado”, no Ensino Médio, ele não só é capaz de ler um mapa, mas também está apto para correlacionar informações de diferentes origens. Dessa forma, o estudante é capaz de trabalhar o material cartográfico nos três níveis propostos por Simielli (2010): localização e análise, correlação e síntese.

Nesse processo, forma-se o que Gould, citado por Simielli (2010), denomina “mapa mental”, isto é, as imagens espaciais na mente, não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes. Esses mapas são construídos a partir dos universos simbólicos dos sujeitos que os criam, por meio dos conhecimentos históricos, sociais, culturais e econômicos disponíveis. Através dos “mapas mentais”, é possível associar as informações recolhidas na letra da música a contextos diferentes, mas nem por isso completamente dissociados dos temas trabalhados pela canção *Jumento Celestino*. Por exemplo, a leitura de diferentes representações cartográficas e de estudos sobre os fluxos migratórios no Espírito Santo permitirá ao aluno combinar as informações recolhidas nesses materiais e associá-las àquelas presentes na música. Em outras palavras, embora, na música, a migração retratada seja aquela dos retirantes nordestinos que vêm para São Paulo, o aluno deve ser capaz de identificar aí elementos comuns a outros fluxos migratórios, a partir do

